

Handwritten signature and scribbles at the top left of the page.

Handwritten text: "AUC X", "auc", "P. 13".

20 MAR 1988

FOLHA DE SÃO PAULO

Acordo

# Empresários paulistas estão divididos sobre eleições-88

CARLOS EDUARDO ALVES \*  
Da Reportagem Local

O empresariado paulista não tem hoje um projeto político definido. Temas como a realização de eleições em 1988 e mudança no sistema de governo cindem o universo patronal com a mesma velocidade com que tradicionais aliados divergem a respeito dessas questões. "A sociedade brasileira está dividida e no nosso meio acontece a mesma coisa", analisa Flávio Telles de Menezes, 42, presidente da Sociedade Rural Brasileira.

Menezes foi um dos participantes da reunião do Fórum Informal dos empresários de São Paulo, na última terça-feira, quando presidentes das entidades mais representativas do setor se colocaram contra a realização de eleições presidenciais em 88 "sem que uma legislação adequada esteja em vigor" e sugeriram que "a mudança de um sistema de governo deveria ser objeto de uma ampla consulta popular".

Logo que saiu a nota do Fórum Informal sobre o encontro, empresários que defendem um mandato de quatro anos para o presidente Sarney questionaram a posição externada no documento. "As posições tiradas naquela reunião não exprimem a opinião do universo empresarial", diz Lawrence Pih, 45, superintendente do Grupo Moinho Pacífico. Ele sustenta sua crítica no fato de pesquisas feitas entre empresários sobre o tempo de duração da permanência no poder do atual presidente da República terem sempre apontado a preferência pelos 4 anos. A Pesquisa Folha publicada na edição de 27 de dezembro de 1987 mostrou que 65% dos entrevistados eram favoráveis aos 4 anos, contra 27% pelos 5 anos e 8% de indefinidos.

## Recessão

Para Pih, um quatroanista que considera o parlamentarismo inoportuno em momentos de crise, não ocorreu nenhum fato novo que justificasse uma alteração no pensamento patronal. "Ao contrário, de lá para cá a situação do país ficou mais indefinida ainda, até pela divulgação de escândalos dentro do governo", afirma. Segundo ele, só há uma explicação para a nota "oportunistamente" do Fórum Informal: a recessão é inevitável e, "estando mais afinados com o governo, a cota de sacrifícios dos que defendem agora a eleição em 89 seria menor". Procurado pela reportagem da Folha para comentar as críticas ao Fórum Informal, o presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), Mario Amato, afirmou, através de sua assessoria de imprensa, que não se manifestaria.

Pih acha que o Brasil vive uma crise tão grave que "aceita" a implantação do parlamentarismo em nome de mudanças imediatas. A discordância com as conclusões do Fórum Informal limitou-se à Fiesp, diz Abram Szajman, da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. "Nós fizemos uma consulta a todos os presidentes de sindicatos e a maioria optou pelo presidencialismo e pela realização de eleição só depois que a Constituinte e as leis ordinárias e complementares estiverem definidas", afirma Szajman.

Einar Kok, 69, vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo e secretário da Ciência e Tecnologia durante o governo Franco Montoro, é quatroanista e admite que o debate em torno do mandato de Sarney "divide claramente o empresariado". A Folha apurou que, em reuniões da diretoria da Fiesp, os cincoanistas argumentam que uma eleição este ano significaria um aumento monstruoso no déficit público, devido a investimentos maciços que o governo faria em obras.

## Parlamentarismo-já

A possibilidade de o país enfrentar um período de instabilidade institucional, decorrente da falta de legislação ordinária, também é analisada na entidade. A corrente pelos cinco anos acabou se tornando majoritária através das últimas declarações de Mario Amato, sempre manifestando a preocupação com "tumultos" que uma eleição em 88 poderia trazer ao país. Na última sexta-feira, Carlos Eduardo Ferreira, vice-presidente da Fiesp, comunicou a um dos assessores do deputado Ulysses Guimarães que a tese dos cinco anos com parlamentarismo-já era aceita pelos industriais paulistas.

O temor dos empresários, seja qual for a duração do mandato de Sarney, é quanto à perspectiva na área econômica. Na última semana, começou a circular junto às grandes empresas de São Paulo um relatório elaborado pelos escritórios de consultoria Trevisan e Associados (de Antoninho Marmo Trevisan) e Grano, Conjuntura Econômica e Estratégia Empresarial (de Gilberto Dupas). Ali está escrito que a "sobre-



Mario Amato, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

vida" do atual governo —no caso, os cinco anos de mandato— tornaria iminente a aplicação de um novo choque e congelamento de preços a curto prazo. E atualmente a palavra choque é uma das que mais assustam os empresários.

Para Einar Kok, o mais importante é o fim rápido dessa "angústia da transição". E embora acredite que o fórum refletiu a opinião momentânea da maioria, ele não teme que a disputa de uma eleição presidencial possa conturbar o país. Nem o "fantasma" da possibilidade de vitória de Leonel Brizola —lembrado na reunião dos líderes empresariais— justifica, no seu entender, a luta pelos cinco anos: "O Brizola não ganha um pleito em dois turnos." Kok não falou em nomes, mas a Folha apurou que, para enfrentar o ex-governador fluminense nas urnas, a Fiesp oscila entre Antônio Ermírio de Moraes e o governador Orestes Quércia, citado como político de diálogo, conciliador e hábil.

## Eleições gerais

No caso específico de defender a eleição em 88 e não aceitar a sua postergação pelo medo de assistir a vitória de um candidato de esquerda, Kok assume a mesma posição de Eduardo da Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo e único dos oito membros do Fórum Informal que votou a favor da eleição em 1988. Rocha Azevedo entende que é "indispensável termos um governo com credibilidade popular para promover as reformas necessárias, coisa que o atual presidente da República não fará". Por isso, ele luta pelas eleições gerais e, depois, pela implantação do parlamentarismo.

No campo político, Rocha Azevedo, através do Movimento Democrático Urbano (MDU), tem atuado em parceria com Ronaldo Caiado, da UDR (União Democrática Ruralista). Mas os dois divergem sobre o sistema de governo: Caiado é presidencialista. Na indefinição atual, a divisão chegou até ao Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), que reúne majoritariamente pequenos e médios empresários. Emerson Kapaz, 33, presidente do Sindicato dos Fabricantes de Brinquedos e Instrumentos Musicais de São Paulo e um dos coordenadores do PNBE, continua quatroanista: "Prefiro uma democracia com todos os riscos e benefícios que dela advém a uma democracia de conveniência", como define o receio de se partir para um pleito presidencial este ano.

Kapaz, que é parlamentarista, duvida que a maioria dos empresários esteja hoje com os cinco anos. "O desgaste de Sarney é muito grande e os empresários estão assustados", diz. Paulo Butori, 38, companheiro de Kapaz no PNBE e presidente do Sindicato das Indústrias de Fundição, também acredita que chegou a vez do parlamentarismo, mas acha que "já passou a hora de eleições em 88", como queria até dias atrás. Para Butori, não há mais tempo útil para se fazer a disputa presidencial em novembro, o que poderia levar o país ao retrocesso: "Hoje eu acho que a situação se conturbaria muito e como empresário eu desejo a estabilização econômica e política."

Já para Bruno Nardini, coordena-

dor do Grupo 14 da Fiesp e integrante do PNBE, o documento do Fórum Informal não espelha o pensamento da maioria dos empresários, "mas pode ser uma posição política tomada a partir de dados novos que o presidente Mario Amato levou à reunião". Nardini é presidencialista e propõe que tanto o sistema de governo como o tempo de mandato do presidente Sarney sejam levados a plebiscito.

\* Colaborou MARCELO PARADA, da Reportagem Local.

Fernando Santos